

O INQUIETANTE E O OBSCENO NO ESCÂNDALO MIDIÁTICO ORGIA DE JOÃO DORIA

Fábio de Carvalho Penido¹

Resumo: O presente artigo parte de um escândalo midiático que tomou forma no decorrer das campanhas eleitorais do ano de 2018 envolvendo o então candidato a governador paulista, João Doria (PSDB). A análise do curto vídeo que serviu de evidência para as acusações de infidelidade matrimonial do ex-governador auxilia na compreensão de características que têm se tornado comuns instrumentos na captura de eleitores-espectadores-usuários das redes sociais digitais. Através dos afetos suscitados pelos campos estéticos do obsceno e do inquietante, a suposta orgia de João Doria se tornou um eficiente meio de desestabilização da imagem pública de seu personagem principal, oscilando entre o meme, o flagra moralista do eleitor conservador, o libelo anticorrupção e outros tantos posicionamentos. Através de uma análise do vídeo em si, de sua circulação pelo X (antigo Twitter) e o cotejo com as matrizes estéticas-teóricas do obsceno e do inquietante, o artigo desenvolve um tratamento das imagens como sintoma das transformações que a sociedade brasileira tem passado em sua relação com a política, seus discursos e suas imagens.

Palavras-chave: João Doria; eleições; escândalo midiático; obsceno; inquietante.

THE UNSETTLING AND THE OBSCENE IN THE MEDIA SCANDAL JOÃO DORIA'S ORGY

Abstract: This article is based on a media scandal that took shape during the 2018 election campaigns involving the then candidate for governor of São Paulo, João Doria (PSDB). The analysis of the short video that served as evidence for the former governor's accusations of marital infidelity helps us to understand the characteristics that have become common tools for capturing voters, viewers and users of digital social networks. Through the affections aroused by the aesthetic fields of the obscene and the disturbing, João Doria's alleged orgy has become an efficient means of destabilizing the public image of its main character, oscillating between the meme, the moralistic slur of the conservative voter, the anti-corruption libel and many other positions. Through an analysis of the video itself, its circulation on X (formerly Twitter) and its comparison with the aesthetic-theoretical matrices of the obscene and the disturbing, the article develops a treatment of the images as a symptom of the transformations that Brazilian society has undergone in its relationship with politics, its discourses and its images.

Keywords: João Doria; elections; media scandal; obscene; disturbing.

Introdução

¹ Doutorando em Comunicação Social no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Comunicação Social pelo PPG-COM da UFMG. Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atua como programador do *Cineclube Comum* e crítico de cinema na revista *Multiplot!*.

Diversos escândalos midiáticos tomaram forma no decorrer das campanhas eleitorais do ano de 2018. Marcada pela eleição de Jair Bolsonaro e pela consolidação do bolsonarismo como um segmento na política institucional e disseminado em diversos estratos da população brasileira, a disputa eleitoral também contou com polêmicas no campo das candidaturas ao governo dos estados.

Em São Paulo, o candidato João Doria foi acusado de participar de uma orgia com diversas mulheres. As imagens, procedentes de um vídeo de origem desconhecida, foram as supostas evidências visuais desses atos que quebravam com o pudor do candidato e seu compromisso com os valores conservadores da família brasileira, alinhado naquele momento ao bolsonarismo em voga.

No artigo, são analisadas as características formais do vídeo e o discurso de libelo contra João Doria. Sendo menos divulgado através das mídias tradicionais, como o jornalismo impresso e a televisão, o escândalo pode ser considerado um dos tantos exemplos nos últimos anos de um evento midiático que percorreu sobretudo redes sociais como o X, antigo Twitter, sendo ali amplamente divulgado, comentado e dissecado pelos usuários.

Se esperamos compreender os diferentes modos como o vídeo da orgia emerge nas polêmicas da política brasileira de 2018 em diante, é preciso realizar um recorte para mapear algumas das formas de circulação que se manifestaram ao seu redor. O primeiro caminho, presente no vídeo em si, é o seu compartilhamento através das hashtags *#doriaorgia* e *#dorianao*.

Embora o vídeo também tenha circulado por outras plataformas, o X é importante pelo seu protagonismo como plataforma das querelas da informação política contemporânea; pela conhecida relativização das medidas de combate a *fake news* que fazem parte de uma agenda política própria aos interesses do *website* e que, recentemente, sofreram uma conseqüente escalada com a compra do domínio *on-line* por Elon Musk².

De acordo com o *Google Trends*, “orgia joao doria” e suas variantes, como “joao doria video orgia” e “joao doria video” tiveram seu maior índice de pesquisas por meio da ferramenta *Google* entre os dias 21 e 27 de outubro de 2018, com eventuais, mas menores índices em algumas ocasiões nos anos posteriores³. No X, esse intervalo temporal de 7 dias também corresponde ao maior

² Para um aprofundamento na história do antigo Twitter, sua repaginação como X e as conseqüências desse processo, recomenda-se a leitura de “Limite de caracteres: como Elon Musk destruiu o Twitter”.

³ Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=orgia%20jo%C3%A3o%20doria>. Acesso em: 07 ago. 2021.

número de publicações envolvendo as variantes de palavras-chave⁴, fato facilmente verificável ao inserir diferentes datas e averiguando a menor incidência de postagens.

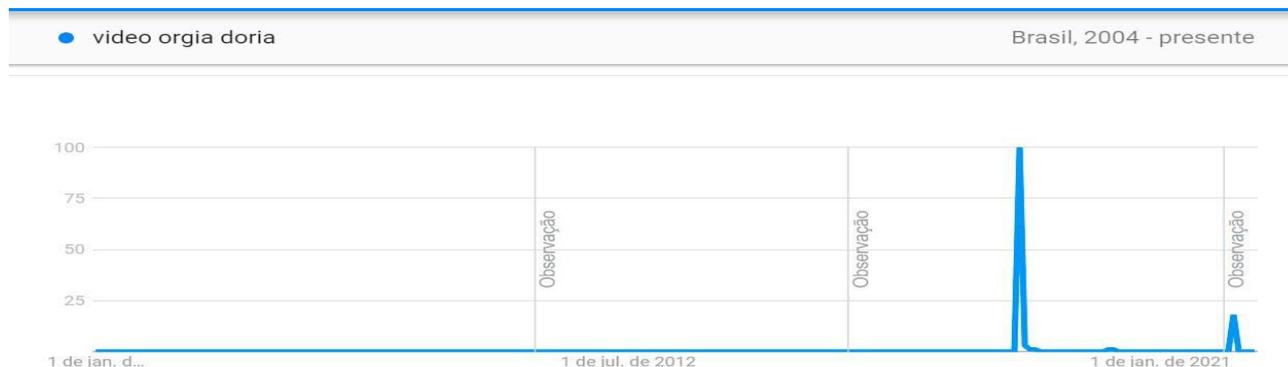


Gráfico "video orgia doria" no *Google Trends*

Nos debruçamos sobre os materiais encontrados entre esses dias (21 e 27) por meio das *hashtags* *#doriaorgia* e *#dorianao* e as palavras-chave usadas no Google lançando mão da ferramenta de pesquisa avançada do próprio X⁵ (as primeiras postagens de usuários identificadas pela ferramenta do website datam do dia 23 de outubro de 2018)⁶. Em seguida, repetindo o procedimento, pesquisamos com a mesma ferramenta do X pelas *hashtags* e palavras-chave no outro pico de pesquisa dos termos de acordo com o Google Trends em 2022.

Refletindo sobre essas interações nos primeiros dias de divulgação do vídeo da orgia, e sua subsequente utilização em outras situações para atingir a imagem pública de seu aparente protagonista, a análise atesta uma longevidade da cena no imaginário político recente, quer seja na forma de meme das conturbadas eleições de 2018, quer seja como documento do moralismo latente daquele período e que ainda pertence a compreensão da política atual por parte da população brasileira.

Até o momento a veracidade do vídeo já foi comprovada e contestada por um sem-número de perícias, profissionais e amadoras, análises de jornalistas e de internautas das redes sociais. Oscilando entre lugares de enunciação indo do jornalismo profissional até a simples fofoca e chiste,

⁴ Disponível em: https://twitter.com/search?q=orgia%20joao%20doria%20%20until%3A2018-10-27%20since%3A2018-10-21&src=typed_query. Acesso em: 07 ago. 2021.

⁵ Disponível em: [https://twitter.com/search?q=\(%23doriaorgia%20OR%20%23dorianao\)%20until%3A2018-10-27%20since%3A2018-10-21&src=typed_query](https://twitter.com/search?q=(%23doriaorgia%20OR%20%23dorianao)%20until%3A2018-10-27%20since%3A2018-10-21&src=typed_query). Acesso em: 07 ago. 2021.

⁶ Importante ressaltar os limites desse método de coleta de dados. Por um lado, outras plataformas digitais são dotadas de maior opacidade, como o caso do *WhatsApp*, onde seria impossível mapear os trâmites de um único vídeo sem o amparo de algum software especializado. Por outro lado, a concentração no X assume os limites e as benesses da coleta de informações em uma única plataforma. Longe de uma visada impressionista, esse exercício metodológico possibilitou uma ampla gama de *memes*, desabafos, discursos moralistas, satíricos, indignados, matizando a orgia do João Doria como um objeto complexo, em disputa e sob diversas apropriações pelos usuários dessa rede.

os discursos em torno da orgia do suposto do Doria alcançam muita ambiguidade. Mas sua eficiência como ferramenta no debate público se dá não necessariamente por sua força de verdade, mas quiçá pela ativação das experiências ligadas ao inquietante e ao obsceno que são latentes no objeto em questão.

A aproximação do vídeo com esses dois conceitos, historicamente associados a uma grande variedade de objetos de interesse cultural, possibilita a formulação de um problema de pesquisa para o presente artigo. Como o vídeo da suposta orgia de João Doria foi capaz de mobilizar os afetos de uma multiplicidade de eleitores-usuários presentes nas redes sociais (especialmente o X) independentemente de sua veracidade última? Em outras palavras, mais precisas, como o obsceno e o inquietante se articulam ao vídeo para além de sua instrumentalização em libelo político como fatores fundamentais para sua eficiência na captura dos afetos coletivos?

O objeto com o qual o artigo pretende responder essas perguntas remete também a uma miríade de outras cenas da política recente, como as tantas cenas do Kit Gay na década de 2010 ou os *tweets* de Jair Bolsonaro já em 2019 sobre uma performance carnavalesca envolvendo um *golden shower*, e tantas outros exemplos de menos impacto no imaginário coletivo, mas ainda assim presentes em uma mesma atmosfera social. A suposta orgia de Doria pertence a uma escalada na política brasileira de emergências do obsceno, no seu valor de escândalo moral, e do inquietante, na sua capacidade de questionamento do real. O nosso objeto se apresenta como sintoma de um quadro maior de transformação da relação com as imagens na vida pública nacional, em que repertórios visuais e discursivos, e suas experiências estéticas, criam intercâmbios capazes de mobilizar coletivamente os cidadãos-eleitores-usuários das redes.

O empresário está nu

No primeiro frame, como um panfleto que circula pelas redes digitais, o suposto Doria está deitado em uma cama de lençóis brancos arrumados. Seus braços estão relaxados sobre o tecido e parecem chamar por quatro mulheres que se colocam do seu lado direito. Duas delas já estão de joelhos sobre a cama. Uma delas está parcialmente tampada por uma outra que lança seu olhar para trás, para as outras duas que estão próximas da extremidade do quadro. Uma delas segura uma taça de champanhe. Tarjas de censura estão espalhadas pela imagem, seja a animação lúdica de um tucano⁷ cobrindo o pênis do homem, sejam os círculos pretos que cobrem os rostos das mulheres, ou a palavra “escândalo” que cobre suas vaginas. A chamada diz: “João Doria Trai Esposa em Orgia”.

⁷ Alusão ao mascote do PSDB, partido dos “tucanos” do qual Doria fez parte.

Após a apresentação do pôster, o corte que dá início à primeira sequência nos leva a um outro contexto, no qual Doria parece estar em cima de um palco em ambiente fechado, discursando para uma plateia não identificada. Nada sabemos sobre esse momento, mas podemos vê-lo e ouvi-lo. E ele diz: "... dar aqui a minha homenagem a minha família. Sem família, e sem respeito pela família...". Acompanhamos seus movimentos enfáticos, seu olhar contundente que se endereça para todos os cantos da plateia, mas nossa própria posição de espectadores é transformada por um abrupto *zoom in* que mergulha no seu rosto, deixando a imagem em uma zona de ruídos e borrões. O momento dura menos de um segundo, até que um *zoom out* introduz a cena de uma orgia.

O editor do vídeo realiza outro zoom que se aproxima do rosto do personagem, para que possamos vê-lo melhor. Uma vez "comprovada" a identidade, um letreiro surge na tela: "A família não acredita mais no João Traidor! E você?". Ao mesmo tempo, o áudio do discurso de Doria continua tocando no primeiro plano da banda sonora: "sem respeito pela família você não tem paz de espírito, tranquilidade e energia para disputar uma eleição. Aliás, não tem energia para nada. Valorizem as suas famílias, e sem respeito pela família...", e na medida em que a cena de sexo se desenrola algumas frases são repetidas, colocadas em *loop*, reiterando a contradição palavra-ato. Outra pergunta se endereça aos espectadores em um novo letreiro: "Esse homem representa a sua família?", e a cena tem fim chamando ao compartilhamento através das *hashtags* #doriaorgia e #dorianao.

86

A partir das *hashtags* iniciais, presente no próprio vídeo, #doriaorgia e #dorianao, diversas outras foram se revelando no decorrer do mapeamento de postagens no X, irredutíveis em sua quantidade. Algumas delas são: #surubagate, #doriavideo, #doriasurubao, #doriasurubeiro, #surubadodoria, #doriacomedor, #surudoria, #doriasafadao, #erecoes2018. Nesses tantos *tweets*, impossíveis de serem citados em sua totalidade, há uma flutuação constante entre as formas de engajamento que tendem ao cômico e as que expressam choque e indignação moral.

O clima escandaloso das eleições é resumido no meme divulgado por uma usuária com o título "Ereções 2018". Outros escrachos contra Doria vão ganhando forma entre os dias 23 e 28 de outubro. "Lobo em pênis de cordeiro", escreve um usuário, fazendo do trocadilho um exemplo perfeito do papel que o desmascaramento das ilusões morais desempenha no jogo político⁸. Se o político é lobo que se esconde na pele de cordeiro, trata-se de uma piada com a potência viril do candidato agora duplamente desqualificado, moralmente e sexualmente. "Que pintinho murcho e pequeno kkkkkkkkk #DoriaOrgia", escreve outra internauta. "Ator pornô virando político e político

⁸ Para um aprofundamento na importância do desmascaramento das ilusões morais na política e no pensamento moderno a partir do Esclarecimento europeu, recomenda-se a leitura de *Crítica da Razão Cínica*, de Peter Sloterdijk (2012).

virando ator pornô. Vai Brasil!! #Dorianaao", escreve outro, fazendo referência ao ex-deputado e ex-ator de filmes pornográficos Alexandre Frota.



Repercussão Doria 2018

O que essa forma de engajamento com as imagens indica é que a obscenidade do vídeo original acaba por engendrar outras manifestações obscenas, sobretudo satíricas, e que amiúde traduzem um senso de cinismo diante da política. Uma descrença na vida pública e no poder institucional que não chega a pontuar qualquer partidarismo ou oferecer contraponto. A espetacularização da política, para esse segmento de usuários, ocasiona sua própria deslegitimação.

Em inglês o prefixo ob- identifica aquilo que está fora. *Obscene*, o obsceno, é aquilo que jaz fora da cena. No seu uso comum, não se trata de atribuir a qualquer elemento fora de cena o estatuto de obsceno, mas principalmente aquilo que fere os sentidos e choca na sua apresentação. No obsceno algo inapropriado aparece, apesar das advertências e de um conhecimento geral proibitivo. Para Moraes, acompanhando o raciocínio de Henry Miller⁹, o obsceno está sempre em disputa.

nada existe que seja obsceno "em si". A se crer no escritor, a obscenidade seria fundamentalmente um "efeito". Daí a dificuldade de delimitá-la neste ou naquele livro, nesta ou naquela convenção literária, o que seria confirmado não só pela diversidade de obras consideradas pornográficas em tal ou qual época, mas ainda pelas divergências individuais acerca do que seria efetivamente imoral (Moraes, 2003, p. 129).

⁹ Autor conhecido pela natureza polêmica de seus trabalhos literários no decorrer do século XX. Moraes está fazendo referência ao texto *Obscenidade e Reflexão* (1991) desse autor.

Mais recorrente é que o efeito obsceno se organize em torno de objetos, situações, narrativas e imagens reconhecidas pela sua ausência de pudor, pela sua lascividade, pela capacidade de ferir a moral, os bons costumes, a etiqueta e senso comum. Tal generalização se apresenta amiúde segundo os moldes da cultura ocidental cristã, conservadora e pudica e, como ressaltado por Miller, depende do que o indivíduo e sua sociedade consideram imoral.

Nesse escopo do obsceno, o vídeo explora uma zona da imaginação em que o espectador se situa compulsoriamente no lugar de *voyeur*, observando imagens proibidas à visibilidade pública, por prazer, curiosidade e/ou desejo incriminador. O contexto de apresentação das imagens é de revelação de uma hipocrisia política, em que os campos da vigilância e do prazer se entremeiam, num regime que ecoa a popularidade das estéticas pornográficas amadoras, de câmeras de celular, webcams e lives. Bruno define esses gêneros de imagens como pertencentes a uma contemporânea “estética do flagrante” (2013, p. 97).

Imagens ligadas à videovigilância desempenham um apelo realista na contemporaneidade, como experiência concreta verificada pelo aparato técnico, como rastro da realidade de um fato comprovado pela própria imagem e suas características.

Na vigilância como observação gravada, esta força retórica indicial reside no caráter automatizado, supostamente não mediado e sem intervenção intencional, enquanto na vigilância com transmissão em tempo real, a indicialidade residiria na própria temporalidade da imagem, no caráter instantâneo e urgente da tomada e da transmissão (Bruno, 2013, p. 101).

A possibilidade de que as imagens da suposta orgia de Doria tenham sido feitas de modo furtivo está dada por remeter a aparelhos pequenos, precários, como celulares, câmeras escondidas e outras formas de vigilância. Mas essa suposição não impede que o vídeo também seja lido como um pornô amador, feito com esses mesmos aparatos, consensualmente ou não.

É possível traçar, nas formas contemporâneas [da pornografia], a mobilização de uma estética da vigilância - e que as tecnologias e encenações das imagens pornográficas jogam com ideias de vigilância, voyeurismo e exibicionismo em que as tecnologias de vigilância estruturam as narrativas, as ações e, mais importante, o visual do pornô (Bell, 2009, p. 204)¹⁰

A proliferação de imagens desses tipos faz com que os regimes de vigilância e prazer estejam tão inseridos nos jogos de visibilidade social que a própria noção do obsceno, daquilo que é

¹⁰ Tradução nossa.

oculto, já esteja posta em xeque. Afinal, haveria lugar para um fora de cena, quando a explicitação, o flagra e a constante vigilância estão tão inseridos no espetáculo contemporâneo?

Williams (2004) aponta que já não há mais obscenidade que não tenha entrado em palco. Em um jogo de palavras com *obscenity*, a autora propõe o termo *on/scenity*, já que *on* significa dentro, para dizer de uma constante emergência do obsceno como objeto visual e discursivo na sociedade contemporânea¹¹. Em vez de sua permanência em um fora, a contemporaneidade sugere sua reiterada exposição e proliferação.

A imaginação política recente nos deu exemplos de escândalos midiáticos afins. No Kit Gay bolsonarista, que ganhou popularidade também nas eleições de 2018, o suposto processo de pedagogização da homossexualidade e da pedofilia na educação pública nas gestões petistas e esquerdistas ganhou uma de suas mais notórias falsas evidências através do vídeo da “mamadeira de piroca”, em que um homem anônimo filma um brinquedo sexual e afirma que o objeto era utilizado por crianças em creches públicas.

O *golden shower* de 2019, mais um espetáculo bolsonarista divulgado primeiramente no perfil oficial do então presidente, se apropriou de uma performance carnavalesca em um bloco *queer* flagrando os sujeitos envolvidos como representantes de um *status quo* dominado pela mesma ideia conspiratória que aponta o Kit Gay como uma realidade. Trata-se de vídeos de autorias desconhecidas, associados em um processo de ideiação paranoide a livros infantis (deturpados em seu conteúdo), casos contados pelas redes sociais ou no boca-a-boca, imagens geradas por inteligência artificial e outras fontes questionáveis.

É nesse quadro mais amplo que o “efeito obsceno” da orgia de Doria ganha sua propulsão. Embora sua aliança com o bolsonarismo tenha sido oportunista e momentânea, Doria naquele momento se apresentava a partir das diretrizes do “cidadão de bem”, aglomerado polissêmico de valores, ideais e condutas que foi decisivo no campo da direita e extrema-direita naquele ano.

o “cidadão de bem” refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e a um conjunto particular de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos. [...] Trata-se de

¹¹ A autora apresenta um exemplo paradigmático ao percorrer as contradições retóricas do pronunciamento do senador estadunidense Jesse Helms em 1989. Helms exibia aos seus colegas senadores as fotografias “obscenas” de Robert Mapplethorpe financiadas pelo National Endowment of Arts (NEA) para que todos pudessem ver, ao mesmo tempo em que solicitava que mulheres e “talvez” todos os funcionários da casa deixassem o ambiente para que só seus colegas senadores (homens em sua maioria ricos e brancos) pudessem entender onde o dinheiro público estava sendo investido. Williams enfatiza essa solicitação ao olhar e sua seletividade, impedindo aos outros, mulheres e trabalhadores (muitos racializados), de ter acesso ao que está visível.

uma noção específica de pessoa e um sentimento de pertencimento à uma forma correta de estar no mundo (Kalil, 2018, p. 9).

Contra a acusação de não ser então um “cidadão de bem”, Doria respondeu, abraçado à sua esposa, negando as acusações, se colocando como vítima de um ataque cibernético e reiterando valores semelhantes àqueles defendidos no palanque. “Nós resistiremos. Resistiremos por São Paulo. Por defender São Paulo e por defender o Brasil. E por defender São Paulo e o Brasil defendemos a nossa família”, ele disse em tom melodramático.

A resposta retoma a noção de “família”, um dos principais objetos do discurso político de 2018 e que já ganhava crescente relevância desde os anos de governo Lula. Durante os governos Dilma se tornou argumento para a defesa do processo de impeachment de 2016 (Nunes, 2022). Não por acaso essa palavra está em quase todos os frames do vídeo da orgia do Doria, e, também, serve de síntese, elemento que fecunda o vínculo da nação, no seu vídeo de defesa. A corrupção, sob a ótica do conservadorismo social, perpassa a violação dos três pilares que sustentam a conduta “do cidadão de bem”: Deus, Pátria e Família.

Uma outra de suas expressões [da corrupção] é a “desordem” de costumes e valores que estariam colocando em risco a ordem familiar. Esta corrupção diz respeito, sobretudo às condutas privadas e morais, como a homossexualidade, a vida sexual desregrada e o aborto. Nesse mesmo registro, a corrupção é lida como cerceamento da liberdade individual e uma redução da importância do papel da família na formação do cidadão (Kalil, 2018, p. 10).

90

Em suma, as imagens e seu “efeito obsceno” são apropriadas pelo editor da orgia de Doria como um pequeno dispositivo de imagens e discursos de vigilância e, conseqüentemente, visam alguma eficiência na disputa eleitoral pela captura dos eleitores “cidadãos de bem”, representantes da “família”, “nação” e de “deus”.

É notável nos *tweets* do recorte temporal proposto entre *Google Trends* e X depois de quatro anos a orgia continua sendo um assunto, mesmo que menos popular, para atacar a imagem que o então governador de São Paulo visava construir. Não só nas eleições de 2018, mas também em 2022 no momento das pré-candidaturas às eleições presidenciais são identificados novos *memes* e discursos difamatórios contra as gestões do tucano, ainda utilizando o estigma deixado pelo escândalo da orgia¹². Mas nem sempre o tom dos *tweets* é tão cômico, ou tão dependente de sua matriz obscena.

¹² Disponível em: https://twitter.com/search?q=orgia%20joao%20doria%20%20until%3A2022-11-%20since%3A2020-01-01&src=typed_query. Acesso em: 11 nov. 2022.

Já em 2022, uma nova perícia da Polícia Federal afirma não haver adulteração no material¹⁷. Doria acusa a corporação de uma tentativa de atingi-lo politicamente, se utilizando de um incidente do passado¹⁸.

Chama a atenção do leitor que essas informações venham de canais midiáticos na Internet ligados aos meios de comunicação tradicionais, ao jornalismo profissional e seu dito compromisso com a verdade. Essa situação ganha mais uma camada a partir do momento em que usuários optam por fazer suas próprias perícias amadoras, editando trechos do material da orgia e apontando inconsistências na edição, na qualidade da imagem, na banda sonora e outras irregularidades. Afinal, não parece haver fim para a deliberação em torno do vídeo.



Perícia amadora do vídeo encontrada no X

A orgia de Doria ganha contornos de uma verdadeira aporia midiática quando a Folha de São Paulo, a Polícia Federal e um usuário comum do X apresentam respostas inconciliáveis. Tal estado da discussão e do estatuto da informação indica um impasse contraditório às intenções de desmascaramento e choque do uso do vídeo como libelo político. O obsceno, ferramenta de desvelamento do real, tem seu efeito de verdade desautorizado pela natureza insólita das imagens.

O vídeo atende ao primeiro dos critérios que Freud (2010) elenca para o inquietante a partir de sua leitura de E. Jentsch acerca dos fenômenos estéticos desagradáveis, a incerteza intelectual que o espectador sente diante das imagens. Tal caracterização associa o inquietante ao incerto e não familiar.

Jentsch pôs em relevo, como caso privilegiado, a “dúvida de que um ser aparentemente animado esteja de fato vivo ou, inversamente, de que um objeto inanimado talvez esteja vivo”, nisso invocando a impressão deixada por figuras de cera, autômatos e bonecos engenhosamente fabricados. Ele junta a isso o

¹⁷ Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/depois-de-video-de-orgia-doria-e-alvo-de-laudo-encomendado-por-cliente-misterioso>. Acesso em 06 dez 2024.

¹⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/laudo-da-pf-diz-nao-ter-encontrado-sinal-de-adulteracao-em-video-de-orgia-associado-a-doria.shtml>. Acesso em 06 dez 2024.

sentimento inquietante produzido pelo ataque epiléptico e pelas manifestações de loucura, por provocaram no espectador a suspeita de processo automáticos - mecânicos - podem se esconder por trás da imagem habitual que temos do ser vivo (Freud, 2010, p. 340).

Embora o vocabulário moderno de Jentsch diga de objetos e episódios biológicos e psicológicos já distantes de qualquer mistificação na contemporaneidade, pode-se transpor a ideia de um processo “mecânico” misterioso para as ferramentas atuais de simulação da imagem humana e sua automatização. Em tempos de *deep fakes*, de criação e manipulação de rostos, vozes e demais atributos do corpo humano por meio de inteligências artificiais, as identidades vão se desvanecendo nos meios digitais em prol da emergência de diversos duplos, frutos de processos de artificialização do movimento e do corpo.

Uma breve passagem pela retórica das perícias profissionais divulgadas pela imprensa atesta que a possibilidade da manipulação dos quadros de imagem está posta, por meio de técnicas de edição, como máscaras criadas em pós-produção. A interpolação, que consiste na criação de quadros adicionais entre dois de referência, um anterior e outro posterior, permite a confecção de imagens outrora inexistentes que podem moldar o rosto do personagem a partir de um semblante, posicionamento e movimentação desejável.

Os poucos quadros em que o rosto do suposto Doria é revelado são, de fato, insólitos nesse sentido. Se é o rosto que pode oferecer a verdadeira identidade do sujeito, como não se inquietar diante de imagens pixeladas que se assemelham com o famoso rosto do empresário político e que, no entanto, estão em xeque. Rosto cuja visibilidade, para além de precária, é constantemente interrompida pela passagem das mulheres em sua frente. Aquilo que haveria de ser mais familiar e reconhecível vai se tornando desconcertante e indefinido quanto mais o espectador observa os breves segundos da cena.

Partindo da definição inicial de Jentsch, Freud investiga os sentidos de *heimlich* em outras línguas e no próprio alemão, palavra destinada ao familiar, precioso, doméstico, e destaca que no seu desenvolvimento histórico cercado de ambiguidades a palavra finda por ir de encontro a outros sentidos, como aquilo que é mantido às escondidas, caso amoroso, pecado, intriga por baixo dos panos, mais condizentes com o uso moderno de *unheimlich*. O raciocínio dessa ambivalência está sintetizado na articulação de Schelling citada pelo autor de que *unheimlich* é “tudo que deveria permanecer em segredo, oculto, mas apareceu”, que traduz a angústia proveniente de uma desfamiliarização com o que se vê.

O tom de desmascaramento moral é frequente nas definições do *unheimlich*, afinal, o desvelamento de um segredo comumente carrega conotações morais. Nesses tantos significados

reside um aporte possível entre o obsceno e o inquietante. Mas na associação entre esses dois conceitos, o obsceno perde sua capacidade de denúncia do real e seu “efeito” se encontra submerso na ambiguidade dessa “imagem pobre”, para usar o termo proposto por Steyerl (2012) na lida com as imagens digitais.

As imagens da Internet, por sua circulação rápida, descentralizada e, por vezes, anárquica, acabam por perder um traço de origem. Sem rastro, elas se tornam mais propícias a diferentes destinos, sendo apropriadas como convém por diversas ídoles. Dotadas de uma “genealogia dúbia”, elas circulam livremente pelas redes e acabam por ser recontextualizadas por seus usuários segundo diversas lógicas. Para Steyerl (2012), elas “são pobres porque não adquirem nenhum valor dentro da sociedade de classes das imagens – o seu estatuto ilícito ou deteriorado concede-lhes uma isenção de critério. A ausência ou a falta de resolução legitima a sua apropriação e deslocamento.”.

As diferentes formas com que os usuários das redes se apropriaram das imagens dizem de um contato, a um só tempo, mobilizado por e mobilizador de imaginários obscenos. Reeditar (som e visual), pausar, reprisar, legendar, comentar, repostar, recontextualizar são gestos de uma intervenção excitada pelo único fator originário desse vídeo: sua qualidade insólita, de falta de lastro com o real, de “isenção de critério”. As imagens pobres

Expressam todas as contradições da multidão contemporânea: o seu oportunismo, o seu narcisismo, o desejo por autonomia e criação, a sua inabilidade para se salientarem ou deliberarem, a sua prontidão constante para a transgressão e para uma simultânea submissão. No seu conjunto, as imagens pobres formam um instantâneo fotográfico da condição afectiva da multidão, da sua neurose, medo, bem como da ânsia por intensidade, diversão e distração (Steyerl, 2012).

Para muito além do rosto de Doria, as características de uma “imagem pobre” se fazem ver por toda parte no vídeo. As cores de tons esverdeados escuros que iluminam precariamente a cena dão uma atmosfera artificial para o momento, como se fossem adereços cenográficos para uma fantasia luxuriosa. A disposição das fontes de luz, todas atrás dos personagens, faz vultos de suas aparições, com poucas expressões faciais reconhecíveis. Os atos sexuais em si também são ofuscados pela iluminação, embora hora ou outra se tornem explícitos.

O som, em harmonia com a imagem, é tão ruidoso quanto. Enquanto as falas de Doria ressoam ao fundo, a música e as risadas do quarto da orgia são entremeadas por palavras impossíveis de se compreender, como se houvesse uma intenção de preservar o máximo possível da ambiguidade do que as mulheres falam em torno do homem. Alguns gestos, como o tapa que uma mulher aplica a bunda de outra, soa inorgânico por uma discrepância e dessincronia entre a sutileza

do movimento na imagem e a intensidade abrupta desse possível *foley*¹⁹. A baixa luminosidade impede averiguar a sincronicidade entre demais ações e sons, sendo impossível atestar que as mulheres que falam na imagem são as mesmas que escutamos na banda sonora.

A qualidade indicial da imagem, de um *esteve aqui* testemunhal, de vestígio da presença, dá palco a uma independência completa da imagem das experiências concretas. Isso alça o personagem do vídeo a algo como um duplo de João Doria, uma existência possivelmente independente do Eu original e que é, no entanto, apresentada ao espectador com assombrosa verossimilhança. Há no insólito

o surgimento de pessoas que, pela aparência igual, devem ser consideradas idênticas [...] a identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu ou colocar um outro Eu no lugar dela, ou seja, duplicação, divisão e permutação do Eu - e, enfim, o constante retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços faciais, caracteres, vicissitudes (Freud, 2010, p. 351).

O que o vídeo atesta é a entrada em cena de uma ansiedade particular ao insólito, a um só tempo, antecipada no campo da ficção e da modernidade cotidiana, que foi fonte dos estudos de Freud e seus sujeitos analisados, e que se desdobra na relação do humano com as tecnologias da informação contemporâneas. A adesão política, que acusa Doria, pode ilusoriamente apaziguar essa ansiedade fundadora. E tal adesão cega diz de uma confusão generalizada das multidões de usuários online atordoados pelo excesso informacional e sua falta de factualidade, de fontes seguras, de qualquer critério de legitimidade consensualmente aceito.

O eu no campo da representatividade política haveria de ser uma figura da verdade. Sua duplicidade e artificialidade na cena parece metaforizar o esfacelamento do real, de sua concretude como fundamento e matriz das relações interpessoais. Partindo do pressuposto de que compartilhamos de uma mesma realidade à qual podemos acessar através do discurso e da verificação em diálogo de seus postulados, o abalo da verdade é um abalo no campo da política. O obscuro e o inquietante se mostram agentes potentes nesse processo, na medida que chocam, angustiam e mistificam as coletividades.

Conclusão

Apesar da aparente agudeza do ataque contra Doria e das temidas consequências que um vídeo como esse poderia disparar, não só ele não foi determinante de qualquer derrota do “tucano” nas urnas, tendo saído vitorioso nas disputas de 2018, como jamais se tornou prova definitiva de

¹⁹ Processo de reproduzir sons em ambiente controlado para serem utilizados na banda sonora de um audiovisual.

qualquer infração moral. Pode-se dizer que essa pequena máquina-vídeo já nasceu com um defeito latente. Ao invés de produzir um desvelamento da realidade que seria decisivo para uma mudança de rumo nas eleições, o espectador da suposta orgia de Doria se encontra desarvorado diante do enigma da identidade dos personagens em cena.

Não haveria, afinal, uma contradição entre o obsceno e o inquietante nos termos em que esse vídeo se apresenta? Se o obsceno, por um lado, encontra seu efeito em uma exposição dos seus objetos, revelando alguma verdade sobre eles em sua intriga moralista de repercussões públicas e privadas, o inquietante, por outro lado, impede que esse efeito de verdade tenha qualquer grande repercussão.

A fascinação que as polêmicas midiáticas, especialmente de 2018, trouxeram para eleitores, usuários e espectadores perpassa essa mesma atmosfera de choque, sensacionalismo e confusão cognitiva. Diante do senso de urgência que a ascensão do bolsonarismo trouxe à tona nos últimos anos, maior atenção foi dada a escândalos similares em seu conteúdo, mas que estavam mais conectados à figura de Bolsonaro e seus aliados de maior longevidade. A orgia de Doria, nesse sentido, fica ofuscada se comparada a outros objetos – como o já citado Kit Gay. Mas há pouca diferença no quesito obsceno e inquietante, no imaginário e nos propósitos que ancoram esses dois materiais.

Essa aparente falta de eficiência do escândalo, por fim, é um de seus traços mais pertinentes para se pensar a intersecção entre as redes sociais digitais e política. O que difere um vídeo como a orgia de Doria dos materiais do Kit Gay pode ser reduzido a isso: uma questão de eficiência na captura dos afetos coletivos. Um conquistou menos adesão, enquanto o outro, por muitos anos e até hoje, se mostra uma teoria conspiratória aceita por considerável quantidade de brasileiros.

A eficiência é uma questão de encaixe, de capacidade de uma imagem ou discurso de acoplar uma sensibilidade individual, por meio de sua mobilização estética, em afetos coletivos ou coletivizados. Se o choque funciona, se o espanto confunde e desnorteia, o mais importante é o caminho que o agente político que busca se beneficiar desses efeitos imediatos constrói ao redor do material para que esse espectador se torne um eleitor e um reproduzidor de um mesmo discurso; um eleitor que reproduz um senso de realidade e de verdade compartilhado por um grupo do qual ele se sente parte²⁰.

²⁰ A pesquisa de Letícia Cesarino em torno dos grupos de WhatsApp bolsonaristas em seu artigo “Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil” (2020) e o livro de Rodrigo Nunes “Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição” (2022) são imprescindíveis para a compreensão desses circuitos de captura dos afetos coletivos.

Ao redor da orgia de Doria não há caminhos tão definidos quanto ao redor de materiais como o Kit Gay, que apontam para um eleitorado específico, bolsonarista, que compartilha de uma visão de mundo que delira o Kit Gay em diversas direções, diante de vários objetos do mundo, sendo a “mamadeira de piroca” só um deles. A orgia de Doria não foi capaz de engendrar uma produtividade, um senso de pertencimento que mobiliza o eleitor e espectador a construir uma realidade, um senso de verdade destoante de qualquer status quo que queira ser combativo.

Essa diferença também há de ser pensada no que diz respeito aos efeitos da pós-verdade e sua relação com o inquietante. O inquietante como dúvida diante da realidade pode ser um estímulo à mentalidade associada à pós-verdade, em que “atitudes de desinteresse e mesmo desprezo pela realidade se naturalizam, se disseminam, se tornam cotidianos, normais, e até mesmo estimulados” (Ávila Araújo, 2020, p. 40). Se a relativização da verdade foi necessária, como “cultura”, para a emergência de líderes autocratas como Bolsonaro, que cultiva seus próprios ecossistemas de informação, há uma cristalização no interior dessas coletividades do que é e não é verdadeiro. Não é o caso da orgia do Doria, que não constrói em torno de si qualquer parâmetro discursivo ou imagético, qualquer integração com outros objetos ou informações associadas.

Dessa forma, sua natureza inquietante se torna ainda mais permanente. Se o Kit Gay e seus exemplos obtêm sucesso em conduzir pelo menos seus espectadores e eleitores bolsonaristas para um senso compartilhado de realidade, mesmo que totalmente falsa, a orgia de Doria instaura um limbo de perguntas sem resposta para a maioria de seus espectadores. Afinal, não é um vídeo propriamente bolsonarista, pois Doria era um aliado de Bolsonaro naquele momento. Não se trata também de um ataque atribuído a qualquer adversário específico do candidato.

Seria preciso imaginar uma extensa pesquisa, quiçá impossível nesse momento, de mapeamento dos caminhos que o vídeo da orgia trilhou pelas redes sociais para entender, afinal, qual é sua origem, seu propósito inicial. É um desejo que vai contra parte do fundamento da comunicação pelo ecossistema digital e sua dispersão; uma vontade que se encontra destinada a ter que lidar com a “genealogia dúbia” das imagens em rede.

Eis a diferença, então, entre o espectador bolsonarista e aquele que se sente mistificado diante da orgia do Doria: o primeiro encontra uma solução. A angústia diante do obsceno e do inquietante encontra resposta. Uma acolhida nos discursos e sistemas comunicacionais da extrema-direita.

Referências

ÁVILA ARAÚJO, Carlos Alberto. O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. *Alceu*. Rio de Janeiro. v. 20, n. 41, p. 35-48. jul-set. 2020.

- BELL, David. Surveillance is sexy. **Surveillance & Society**. v. 6, n.3, p. 203-212. 2009.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **internet&sociedade**. São Paulo. v. 1, n.1, p. 91-120. fev. 2020
- FREUD, Sigmund. O Inquietante. *In: Obras Completas Volume 14: História de uma Neurose Infantil ("O Homem dos Lobos"), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KALIL, Isabela Oliveira. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. **Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**. 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/userfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>.> Acesso em: 12 nov 2022.
- MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**: São Paulo, n. 20, p. 121- 130, 2003.
- NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e o mundo em transição**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- OBSCENO. *In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Melhoramentos Ltda. 2022. Disponível em: Acesso em: 12 nov 2022.
- SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- STEYERL, Hito. Em defesa da imagem ruim. **Revista Serrote #19**. 2012.
- WILLIAMS, Linda (Org.). **Porn studies**. Durham and London: Duke University Press, 2004.